

EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DESNATURALIZANDO O RACISMO NA ESCOLA E PARA ALÉM DELA.

AUTORA: Prof^a. Edna Aparecida Coqueiro

ÁREA: Sociologia **NRE:** Curitiba **MUNICÍPIO:** Curitiba

ESCOLA: Colégio Estadual Benedito João Cordeiro - E.F.M. e Profissional

RESUMO:

O presente artigo consiste na apresentação do resultado de estudos e intervenção pedagógica que analisa o uso de expressões e piadas relacionadas às populações negras como expressão naturalizada do preconceito racial no interior da escola e na sociedade. A finalidade deste texto é estabelecer a relação entre as teorias norteadoras do estudo, com o modo do povo brasileiro se perceber racista e preconceituoso, identificando causas, efeitos e seqüelas, buscando desnaturalizá-las por meio de reflexões e ações. Essa abordagem pedagógica, já nas primeiras séries do curso de formação docentes (Magistério), é uma tentativa de trazer à tona a prática do racismo e do preconceito racial, sensibilizando os futuros professores para o desenvolvimento de atitude filosófica e assim produzir conhecimentos que os capacitem para o enfrentamento crítico da questão.

ABSTRACT

This article is the presentation of the results and educational intervention that examines the use of expressions and jokes related to black populations naturalized as an expression of racial prejudice within the school and society. The purpose of this paper is to establish the relationship between the theories guiding the study, with the way the Brazilian people perceive racist and prejudiced, identifying causes, effects and sequelae, seeking naturalise them through thoughts and actions. This pedagogical approach, as in the first series of the training course teachers (Teaching) is an attempt to revive the practice of racism and racial discrimination, raising awareness among future teachers for the development of philosophical attitude and thus produce knowledge that enable them to confront the critical issue.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito racial, racismo, desnaturalização.

INTRODUÇÃO

Conhecer para entender, respeitar e valorizar, reconhecendo as contribuições das várias matrizes culturais presentes na cultura brasileira, esse deve ser um dos objetivos das propostas educacionais do Brasil contemporâneo.

Educar para as relações étnico-raciais implica primordialmente refletir sobre a maneira peculiar do povo brasileiro, lidar com as questões que se referem à diversidade racial e cultural do país para nela intervir. Este estudo tem como temática a análise da naturalização do racismo e do preconceito racial no interior da escola e fora dela, problematizando o uso de expressões e piadas relacionadas às populações negras, que aparentemente não têm maiores significados, porém, podem estar carregadas de conteúdos racistas.

Geralmente as manifestações do racismo e do preconceito ocorrem de maneira implícita, raramente aparecem em formas diretas, através de hostilidades ou de defesa radical da idéia de inferioridade “natural” do negro. Esse é um comportamento que é fruto de um processo de construção ideológica camuflada pelo mito da democracia racial que nega a existência de desigualdades raciais no Brasil.

Tal negação dificulta a identificação da presença do racismo e do preconceito racial nas relações cotidianas em especial na escola resultando no silenciamento e na naturalização, favorecendo a reprodução e manutenção do pensamento racista no seu interior, pois uma gama de estudos comprova que na escola a ocorrência de atitudes e posturas com conotações de preconceito racial é um processo rotineiro.

Diante deste contexto, pensar a questão racial no ambiente escolar é importante por diversas razões, porém, destacamos duas delas: O tema não é considerado relevante, por isso, na filosofia da escola não existe nenhuma menção sobre a diversidade étnica e racial e a falta de preparo dos professores para lidar com a questão, o que indica a ausência de aportes pedagógicos que possibilitem um processo de ensino e aprendizagem comprometido com o combate das ideologias que até então preservaram o racismo na cultura brasileira.

Por isso, o objetivo deste texto é apresentar o resultado de estudo e intervenção pedagógica aplicada em uma escola da rede pública do Estado do Paraná, situada na região sul na cidade de Curitiba/PR, envolvendo alunos do curso de formação docentes (ensino profissionalizante) e professores na reflexão crítica voltada para a educação das relações étnico-raciais.

A metodologia que permeia a pesquisa é a qualitativa, pois se entende que esta proporciona um contato maior com a realidade.

Para a investigação do objeto, bem como suas causas e seqüelas, formulamos dois instrumentos de pesquisa: entrevista com alunos do curso de formação docente (público alvo) e professores para coleta de depoimentos e relatos; observação dos alunos do ensino fundamental e médio, nas relações cotidianas, nos espaços de concentração (sala de aula e intervalo) em suas ações espontâneas, para verificação do uso de expressões pejorativas, com o objetivo de identificar uma das formas de manifestação do preconceito, bem como traçar um paralelo entre as teorias racistas e o modo de o povo se perceber racista e preconceituoso.

Com base nos resultados dessas pesquisas, promover discussões e debates e ações práticas buscando produzir e ampliar conhecimentos a fim desnaturalizar o discurso preconceituoso e assim, promover o respeito à diversidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira.

A SINGULARIDADE DO RACISMO NO BRASIL

A história das idéias racista

Para interpretar as relações raciais no Brasil, temos que entender o contexto social, cultural e intelectual no qual as idéias brasileira sobre as raças emergiram e disseminaram.

Segundo, (NOGUEIRA, 2002, p.13) entre os séculos XIX e XX, na sociedade brasileira, o racismo nasce e se consolida como um dos instrumentos mais eficazes de regulamentação e controle das formas de convivência e das inúmeras relações

humanas. Aqui o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, determinando comportamentos e valores de uma forma inusitada nas organizações e nos indivíduos. É um caso ímpar no mundo.

É importante destacar que o século XIX, foi o século que se dá o fortalecimento e a consolidação das ideologias racistas. O pensamento desenvolvido neste período foi fortemente marcado pelo positivismo científico. (SILVA in NASCIMENTO, p.16).

Desde os anos de 1860, o Brasil já estava em processo de gestação de uma ciência, conhecida como a ciência das raças. Mas foi a partir dos finais do século XIX e início do século XX que as teses elaboradas pelo cientista Paul Broca, anatomista e antropólogo francês vão abrir espaços para a discussão sobre a classificação das raças. Broca criou uma teoria científica que tinha como premissa explicar as desigualdades entre as raças. Para tanto, construíram hierarquias raciais, cujas bases eram a superioridade da raça branca e a inferioridade das raças de cor (negros e mestiços). (NOGUEIRA, 2002, p. 57),

Broca e outros cientistas como Houston S. Chamberlain (divulgador do ideário racista na Alemanha) e George Vacher de Lapouge (teórico da eugenia – teoria da pureza racial), valendo-se das teses darwinistas, empenharam-se na elaboração da tese de hierarquização, desenvolvendo teorias que promoveram o convencimento sobre a inferioridade dos povos que não tinham a pele da cor branca, destacando a negatividade da mestiçagem. (TELLES, 2003, p.48).

Foi neste contexto que a discussão sobre a superioridade e inferioridade das raças ganhou força no Brasil. O cientista brasileiro João Batista Lacerda, professor do curso de Antropologia Física no Museu Nacional, juntamente com os pesquisadores interessados em morfologia e classificação indígena, sistematizaram estudos sobre as raças. Nesses estudos encontraram argumentos para contornar a visão negativa sobre a mistura das raças, pois havia uma preocupação da elite com a aparente alta taxa de miscigenação e com os conflitos raciais existentes. Inventaram, então, a tese do branqueamento, na qual presumiram que a seleção natural e social, inspirada no darwinismo social, levaria ao desaparecimento progressivo do índio e do negro e assim

teríamos uma nação ou um povo limpo das características negativas atribuídas a esses grupos. (NOGUEIRA, 2002, P.58).

O racismo no Brasil surgiu e permaneceu fundamentado em teorias científicas que se propuseram a explicar que as desigualdades entre os seres humanos estão nas diferenças biológicas, na natureza e na constituição do ser.

Mas foi no sistema escravista que encontraram condições propícias para sua aplicação, pois estas justificavam a escravização dos povos africanos. É nesse período que o racismo se torna expressão conjugada do preconceito de cor: negro = inferior e o preconceito de classe: negro = pobre. (SANT' ANA In MUNANGA, 2005, p. 48-49).

Todo esse arcabouço de informações exerceu grande influência no processo de formação da cultura brasileira. No decurso da história ocorreu a naturalização da condição do negro como escravo (todos os seus atributos negativos), apagando da memória da nação que eles não eram escravos, foram escravizados, por isso, permaneceu um pensamento quando aplicado em qualquer contexto a palavra *negro* como sinônimo de escravo; escravo sendo sinônimo de não inteligente, inferior, feio, serviçal, malandro, preguiçoso e mau.

Ainda hoje a definição dessa palavra, transcrita no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, traz conotações pejorativas: NEGRO – indivíduo de cor preta, encardido, melancólico, funesto, luto, maldito, sinistro, perverso, escravo.

Ao contrário a palavra “branco”, tem significados positivos: sem mácula; inocente; puro; cândido; ingênuo; homem de raça branca. Nota-se que a palavra “homem” não figura nas referências à pessoa negra nas respectivas definições, e sim “indivíduo”. (TRIUMPHO In NASCIMENTO, 1994, p.66-67).

A destruição das culturas africanas para a dominação foi um fator importante para a fecundação do terreno onde o racismo estava sendo construído. A ausência de referências positivas favoreceu a criação de estereótipos e estigmas que, imputados ao afro-brasileiro, promoveu profundas desigualdades sociais.

A omissão da contribuição dos povos africanos e afro-descendentes na construção da nação brasileira também favoreceu para a afirmação de visões equivocadas sobre o povo negro.

A história do Brasil, contada do ponto de vista europeu, destaca apenas heróis brancos, princesas beneméritas dotadas de compaixão e reis bem intencionados que libertam a pátria e resgatam seus cidadãos, porém, entre estes não inclui os outros povos (índios e negros) que aqui também estavam. Esses não figuram em papéis importantes, não estão registradas na memória cultural as suas contribuições na construção da nação. Para eles sobraram apenas os títulos de selvagens e primitivos. A história de luta, as organizações de resistências e as conquistas do povo negro, quase sempre foram colocadas no plano da rebeldia, da indolência ou da redenção. Sua participação nas guerras e revoltas, atuando como soldados em defesa da nação, a contribuição com seus conhecimentos foram propositalmente desvalorizados e esquecidos. Desumanizados, foram confinados ao extrato inferior da sociedade.

O racismo tornou-se uma ideologia, fruto da ciência europeia a serviço da dominação. Essa ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial. (SANT' ANA In MUNANGA, 2005, p.42).

A história do negro no Brasil começa e se encerra na escravidão. O sistema escravista termina, mas a exclusão do negro não. Ele permanece na senzala, aparentemente fora do cenário social, mas estão lá, envolvidos numa forma silenciosa de segregação racial, excluído do processo de desenvolvimento social, econômico, cultural e político do país.

Toda essa perversa construção de ideologias e práticas implantadas pelas elites, fincou as raízes do racismo na cultura brasileira, povoando o imaginário social de preconceito racial, que se manifesta de forma velada, escondendo por trás do mito da democracia racial o tratamento desigual destinado para as populações negras.

Deste modo, a singularidade do racismo no Brasil se apresenta na maneira do povo se comportar. O brasileiro não se percebe e/ ou não se assume racista.

Diante destes dados históricos acredita-se que já é possível compreender os motivos da existência do racismo, do preconceito, da discriminação de uma forma tão especial contra o povo negro.

Fenômeno produzido pela ideologia

A formulação ideológica, com a qual os teóricos e ideólogos pretenderam identificar e provar cientificamente a existência de características que pudessem classificar e ou hierarquizar os seres humanos, tem como efeito a formulação de conceitos que descrevem comportamentos e atitudes que se tem em relação ao outro.

Para Joel Rufino (citado por SANT ANA, p. 61), o racismo é uma suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. É uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da espécie humana.

Segundo CASHMORE (2000), racismo é doutrina, dogma, ideologia ou conjunto de crenças, cujo elemento essencial é que a raça determina a cultura, e dela derivam as alegações de superioridade racial. Num sentido ampliado, a palavra é usada para incorporar práticas, atitudes e crenças.

Nesse sentido, o racismo denota um complexo de fatores que geram as discriminações raciais, que por sua vez produz as desvantagens raciais. É também uma teoria ou idéia de que existe uma relação de causa e efeito entre características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura, somando a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras.

A conceituação comum de racismo, entre a maioria dos autores, correntes e escolas de pensamento na atualidade, tem suas bases no caráter ideológico, ou seja, o racismo é a imputação de características negativas reais ou supostas a um determinado grupo social, neste caso os negros. (NOGUEIRA, 2002, p. 55).

Sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. E por ter sido fortemente difundido no passado, arraigado em diversas culturas e reproduzido de geração em geração, permanece povoando o imaginário popular. (SANT ANA In MUNANGA, p. 49).

Dessa forma, a conclusão a que se chega é que o resultado desse processo de transmissão propiciou a instalação do racismo no Brasil de uma forma tão peculiar e

dissimulada que a questão por aqui é tratada como “coisa decidida” e “aceita”, basta observarmos os lugares que são predestinados para os negros, como por exemplo: favela, periferia, presídios, prostíbulos, serviços braçais, fora das universidades, ou seja, pobres e bandidos. Hoje, na sociedade brasileira, essa ideologia é expressa de variadas formas, das mais sutis às mais perversas. No Brasil, não existem leis segregacionistas, nem conflitos de violência racial; todavia, encoberto pelo mito da democracia racial, o racismo promove a exclusão sistemática dos negros da educação, cultura, mercado de trabalho e dos meios de comunicação.

Um dos derivados do racismo é o preconceito, definido como conjunto de crenças e valores aprendidos, que leva um indivíduo ou grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes. (CASHMORE 2000). Ou ainda LOPES (In MUNANGA, 2005, p. 188), informa que o Programa Nacional de Direitos Humanos a palavra *preconceito* pode ser definida como: atitude, fenômeno intergrupar, dirigido à pessoa ou a grupos de pessoas; predisposição negativa contra alguém, sempre ruim; predisposição negativo-hostil, frente a outro ser humano; desvalorização do outro como pessoa, considerado indigno de convivência no mesmo espaço, excluído moralmente.

De acordo com BEATO, citado por SANT ANA,

Quando uma pessoa não está convencida de que os membros de determinado grupo são todos violentos e atrasados (ou ao contrário, decentes, brilhantes e criativos), a ponto de não conseguir vê-los como indivíduos, e se nega a tomar conhecimento de evidências que refutam essa sua convicção, então, estamos diante de uma pessoa preconceituosa. (SANT ANA In MUNANGA, 2005, p. 62).

Entender o preconceito como uma atitude que traz consigo a predisposição deliberada de desvalorizar o outro, é compreender que essa é uma atitude que extrapola o campo da aprendizagem de uma ideologia transmitida de geração a geração por falta de informação e entra no campo racional e consciente da decisão. Por

conta disso, o preconceito não tem limites de possibilidades de manifestação, sendo praticamente impossível dizer que alguém seja totalmente destituído de preconceito.

No jeito brasileiro de ser, atitudes preconceituosas fazem parte do comportamento cotidiano de cada um. A nossa forma de pensar em relação ao outro, na maioria das vezes parte do princípio que a diferença é negativa ou inferior. Os nossos padrões são sempre comparativos e competitivos, por isso a valorização individual ou grupal depende da desvalorização do que se coloca em oposição, como por exemplo: o novo e o velho, o forte e fraco, o feio e o belo, o magro e o gordo, o baixo e o alto, porém, a questão se aprofunda e se agrava quando essa atitude leva o indivíduo ou o grupo a construir barreiras tão altas a ponto de impedir que o conhecimento, os valores morais e éticos penetrem em suas mentes e façam a mediação das suas decisões, prevalecendo, assim, as injustiças.

Nesse contexto se desenvolve a prática do preconceito racial, pois este também é uma idéia preconcebida, suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação à outra, sem razão objetiva ou efetiva que, transformada em atitudes, se constitui em um grande entrave para o desenvolvimento da humanidade. (LOPES In MUNANGA, 2005).

No caso brasileiro, o preconceito racial está fundamentado na idéia de que o negro é inferior na escala humana, desta forma, opera em três dimensões: a moral, a intelectual, e a estética.

Para CARMO (2006, p. 01), esse preconceito é reforçado através de atribuições negativas, piadas e brincadeiras. [...] Reside no âmbito da subjetividade, é aprendido junto com outras pessoas, no convívio social.

Todo esse conjunto de valores e idéias que os autores se referem leva à discriminação, que é a supervalorização de determinadas culturas, dando ao dominador a idéia de que é melhor e desenvolve no discriminado o sentimento de menos valia e permite que a sociedade seja considerada sob duas óticas: (LOPES In MUNANGA, 2005, p. 188).

*A do discriminador, que manda e se considera o mais capaz, o mais culto, etc.

*A do discriminado, que é subjugado pela idéias, atitudes e interesses do discriminador.

O mesmo sentido se aplica à discriminação racial, que é a atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas. (LOPES In MUNANGA, 2005, p 189).

De acordo com a Convenção de 1966 da Organização das Nações Unidas, discriminação racial significa:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional, ou étnica que tenha como objetivo ou efeito de anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e liberdade fundamental no domínio político-social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública. (SANT'ANA In MUNANGA, 2005, p. 63).

A discriminação de modo geral e em especial a racial afeta as mais inusitadas áreas do conhecimento humano. (CARMO, 2006, p. 01).

Como se vê esse conjunto de valores deriva um do outro, cujo ponto de partida está na concepção de mundo que se formou ao longo do processo de construção da cultura brasileira.

Segundo SANT'ANA (In MUNANGA 2005, p. 48), a elaboração de tratados, ensaios e teses elaboradas para justificar a escravidão, instituíram o racismo, o preconceito racial e a discriminação racial no Brasil de uma forma que dificilmente nos dias atuais o negro deixaria de ser vítima.

A discriminação racial no Brasil tem uma grande responsabilidade pela situação em que vive a maioria do povo negro. Não por acaso que os negros no Brasil são os mais pobres, tem menos anos de estudo, pequeno salário, trabalhos mais pesados ou são desempregados. Pouquíssimos conseguiram escapar dessa engrenagem e ocupam altos postos públicos, eclesiásticos ou em grandes empresas. Mas tudo isso tem uma explicação!

PRECONCEITO RACIAL OU PRECONCEITO DE COR

Seqüelas do passado no Brasil Contemporâneo

A produção teórica, desenvolvida para a fundamentação e justificação das desigualdades raciais, inculcou na cultura o comportamento racista e preconceituoso. Essa produção perdeu a sua validade doutrinária e científica, mas as seqüelas permaneceram daí entender porque persiste ainda hoje a pratica do racismo, da discriminação, dos preconceitos. (SANT'ANA In MUNANGA, 2005, p.44).

Esse comportamento está fortemente presente em todas as relações sociais. A arquitetura das idéias racistas forjou um jeito de pensar e agir que provocou seqüelas em todos os sujeitos envolvidos no processo de socialização.

A comprovação desse aspecto é encontrada na análise dos depoimentos que revelam a percepção que as alunas têm sobre as manifestações do racismo e do preconceito no Brasil.

Ao serem questionadas se existe racismo no Brasil e se o povo brasileiro é preconceituoso, a concordância foi unânime, destacando-se dois aspectos que podem ser considerados significativos: primeiro, entende-se que racista é o outro; segundo, quando se fala em preconceito racial, o entendimento é que está se falando do tratamento designado às pessoas de cor negra. É o primeiro pensamento que vem à cabeça. Em nenhum momento levantou-se a questão sobre outros povos. Por que isso acontece? Por que o negro é a maior vítima do racismo. O que leva a pensar que este é um comportamento fixado pela influência das ideologias da desigualdade racial na cultura brasileira.

“Existe sim, não sei por que, mas parece que as pessoas sentem nojo do negro. O negro é como escravo e não pode viver junto com os brancos. Isso é ridículo, negro é igual a todo mundo e merece respeito”.

“É terrível o que fazem com os negros, muitas pessoas recusam a dar emprego, são explorados e muitas vezes são tratados com violência”.

“As pessoas devem ser tratadas com respeito e não como uma coisa qualquer. A diferença de cor não é importante porque somos todos humanos, filhos de Deus e Deus não tem cor”.

“O preconceito racial existe em todo lugar, é até comum a pessoa branca não gostar da negra, eu penso que esse preconceito vem de casa, se a criança é racista é porque os pais também são”.

“Acho que diminuiu, mas foi pouco, ainda ocorre de negros não conseguirem emprego, de serem xingados e ofendidos com apelidos”. (resposta da quando indagada se houve redução do preconceito)

No grupo selecionado para a intervenção quarenta e três alunas se identificavam como brancas e quatro diziam ser afro-descendente. Dessas, apenas uma relatou experiência própria.

“O preconceito é uma coisa ruim, é muito difícil conviver com essas idéias que as pessoas têm da gente, eu detesto isso, acho uma injustiça, pois nós que somos negros não somos o que eles pensam e isso é ruim principalmente par as crianças que acreditam que isso é verdade”.

Ao não identificar em si mesmo o comportamento que o leva a praticar atitudes preconceituosas, o indivíduo encontra dificuldades para a compreensão das idéias que aplica em suas relações, assim a crítica é feita de fora e fica no plano do julgamento do outro, não contribuindo para a tomada de consciência das ideologias que as influencia, não permitindo que se tenha uma nítida visão da realidade, como por exemplo, o que revelam alguns relatos de professores:

“Não temos nenhum registro de situações que conotam prática de preconceito contra alunos negros”.

“Eu não presto atenção em quantos alunos negros têm na minha sala de aula, para mim são todos iguais”.

“O preconceito e o racismo existem sim, mas sua presença não é tão forte na escola, em minha opinião acontece mais nas empresas que escolhem o funcionário pela aparência”.

Os depoimentos possibilitam compreender que a invisibilidade do aluno negro na escola também é seqüela provocada pelas ideologias racistas. O padrão branco ocupa todos os espaços. Nele a ausência do negro é normal, uma vez que ali ele não é esperado ou considerado.

O último depoimento expressa uma visão bastante limitada da questão. Nessa fala percebe-se a falta de formação e capacitação para lidar com a questão étnica. Desta forma, a negação do preconceito são atitudes que têm contribuído para a

reprodução e a veiculação do racismo e do preconceito racial se dá de forma “imperceptível” e “naturalizada”, principalmente por meio de discursos que se apresentam como instrumentos de disseminação de valores, estereótipos e conceitos negativos sobre as diferenças raciais, comprometendo o senso crítico e ético, fazendo com se lance sobre o negro um olhar pré-concebido, impedindo de se perceber a totalidades de seus atributos, acarretando inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda sociedade. (CAVALLEIRO, 2005, p. 26).

Segundo a referida autora, essa falta de autoconsciência, principalmente por parte dos professores, contribui para que esses participem da conspiração silenciosa que compromete as relações étnico-raciais dentro da escola e promova um resultado ainda mais grave que é não perceber que existem racismo e preconceito racial no ambiente escolar.

Outra experiência realizada com as alunas mostra a fixação de imagens negativas sobre o povo negro. Um grupo de 47 estudantes, subdividido em quatro grupos, que separadamente assistiu apresentação de *slides* sobre rituais e hábitos da cultura de diversos povos (asiáticos, europeus, tribos indígenas e africanas). Observou-se que em todos os grupos ocorrem reações com ênfase negativa quanto à expressão cultural africana, como por exemplo:

“Que feio”.

“Nossa que homem feio, ele tem uma cara de mau”.

“Que susto”.

Nessas expressões nota-se que a cor negra está associada aos estereótipos de feio e de mau.

Esse comportamento é fruto da construção ideológica que povoou o imaginário popular de conceitos negativos e/ou preconceitos sobre a cultura e a cor do povo negro.

Neste contexto, se destaca a influência da escola na reprodução, bem como seu papel na desnaturalização e na desconstrução desse jeito de pensar e agir, de ser e fazer. Ela que, até então, reproduziu a sociedade tal e qual como ela é, também produz condições propícias para a manifestação do racismo, se tornando uma das

grandes responsáveis pela manutenção das ideologias racistas e a preservação do mito da democracia racial. (CAVALLEIRO, 2005, p. 37).

A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DE IDEIAS E VALORES

Para CHAUI (1997 pg. 141), a linguagem é um sistema de signos ou sinais que são usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para expressão de idéias, valores e sentimentos. Segundo ela, os signos, ou seja, as palavras e seus componentes (sons e letras) tem uma função comunicativa, isto é, por meio das palavras entramos em relação com os outros, dialogamos, argumentamos, persuadimos, discutimos, expressamos amor e ódio, e também aprendemos e ensinamos.

De acordo com BAKHTIN (2004, p. 32), não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise lingüística deve incluir fatores extralingüísticos, como o contexto da fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc. Para ele, a palavra é o signo ideológico por excelência e também uma ponte entre dois sujeitos,

Segundo FERNANDES (2007, p. 10-18), compreender o discurso enquanto objeto de estudo é bastante complexo, pois seu caráter é assinalado pelo fato de implicar uma exterioridade à língua, a ser aprendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais, ou seja, as palavras quando são pronunciadas estão impregnadas de aspectos sociais e ideológicos. Sendo assim, o preconceito manifesta-se em brincadeiras ou apelidos alusivos à cor.

Palavras, frases e ditos populares usados cotidianamente traduzem o ponto de vista do pensamento dominante, nos permitindo interpretar o significado que o homem negro tem tanto no imaginário, quanto na sua representação social. Desde o período colonial até os dias atuais, a descrição do negro ou ao que se refere à cor negra tem uma conotação ruim e procura mostrar um ser anulado, deformado e sem humanidade.

Exemplos:

- Um negro parado é suspeito; correndo é culpado.
- Por que preto não erra? Porque errar é humano.
- Negro só vai à escola quando a está construindo.
- A situação está preta!

- Preto de alma branca.
- É negro, mas é inteligente.
- É negra, mas é bonita.
- Apesar de negro, ele é legal, é gente boa.

- Tinha que ser preto;
- Não faça serviço de preto;
- Mão preta, mão suja.
- Cabelo duro; cabelo ruim.

- Negrinha, Neguinho.
- Preta, Pretona, Negona.
- Negão, Negrinho,
- Nego sujo,
- Aquele preto.
- Macaco, Gorila, saci, demônio.

Esse tipo de discurso é a expressão verbal de um escandaloso conteúdo racista que permeia as relações étnico-raciais. Esse conteúdo reproduzido e reforçado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira, presente na escola, está tão naturalizado e impregnado nas estruturas do mundo branco em que vivemos que as pessoas envolvidas por ele não percebem quando e como estão praticando o racismo. Tudo parece normal. Mas, fazendo uma leitura atenta, percebemos o quanto se faz uso cotidianamente de expressões com carga pejorativa quando nos referimos ao povo negro.

A observação realizada com alunos apresentou um resultado comprovando que o uso de expressões pejorativas é “comum” nas brincadeiras, mas em situação de conflito é nítida a intenção de inferiorizar, ridicularizar, diminuir e ou afastar o outro.

Frases observadas:

- Sai negão.
- Não vai fazer serviço de preto.
- Negro feio.
- Negro burro.
- Macaco.
- Pelé, Café, feijão, Chocolate e Tição.

Considerando a idéia de BAKHTIN que diz que a fala não é neutra, o hábito de colocar apelidos pejorativos nas pessoas negras, como os citados acima é uma forma perversa de desumanizá-los e desqualificá-los como seres humanos. Na cultura brasileira, essa prática é comum, poucos usam o senso crítico diante desse costume. A falta de consciência do efeito produzido, tanto para quem ouve quanto para quem fala é desastroso, contribui para que o indivíduo continue reproduzindo as ideologias racistas.

Conforme explica (CAVALLEIRO, 2005, p. 24), o racismo e o preconceito racial como um conjunto de idéias, atitudes e comportamentos apoiados em conceitos e opiniões não fundamentadas no conhecimento, e sim na sua ausência, estimula a criação de estereótipos e representações negativas e dão origem ao um estigma que imputados ao indivíduo dificulta sua aceitação no cotidiano da vida social.

Sem dúvida quem sofre as maiores conseqüências são as populações negras, em especial as crianças, pois o prejuízo no seu processo de socialização e formação da sua identidade pessoal e social é grande. O recalque produzido é profundo, levando-as a interiorizar uma imagem negativa de si e de seu grupo, passando a negar sua etnia, procurando assemelhar-se fisicamente com os de cor branca. (CHAGAS, 1998, p. 36).

Então, na escola, por conta do estigma criado pelo racismo, a criança negra, na convivência com os colegas e educadores, constantemente é atingida por palavras, piadas e brincadeiras não neutras, que a coloca em uma posição desconfortável de humilhação, desvalorização ou invisibilidade que não fica muito difícil perceber que aquele lugar não foi feito para ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após as reflexões aqui apresentadas, verificou-se que a questão do preconceito racial no Brasil tem implicações em todos os âmbitos da sociedade, pois se trata de uma questão que é cultural, estrutural e social.

A escola, por ser um espaço de múltiplas relações, se torna um lugar privilegiado para a discussão da questão do preconceito em todas as suas facetas (mulheres, homossexuais, jovens, idosos, gordos, baixinhos deficientes, migrantes, social, racial), pois, uma vez que esta reproduz o mundo social, no seu interior estão presentes as ideologias que estruturam o modo de ser e fazer na sociedade brasileira, logo também está presente o racismo e seus derivados. Por isso, é necessário repensá-la.

A realização tanto do estudo quanto da intervenção foi importante na medida em que possibilitou a discussão desse tema que de certa forma até então vem sendo silenciado e rejeitado dentro da escola, a ponto de ser totalmente ignorado no seu Projeto Político-Pedagógico.

Observou-se que num primeiro momento, o assunto foi tratado como tabu, com certo constrangimento e uma constante tentativa de negação dessa prática no interior da escola, porém a cada passo do desenvolvimento das ações, (estudo de texto, análise de filmes, palestras com especialistas, reelaboração de expressões pejorativas em cartazes, produção de material didático para trabalhar com a pré-escola e etc.) foram aflorando auto-avaliações, opiniões mais críticas sobre o comportamento do povo brasileiro. As estudantes se apresentaram abertas para o debate e para o novo conhecimento

Para elas, que se preparam para atuarem como profissionais da educação nas séries iniciais, a capacitação para trabalhar com a diversidade cultural é fundamental, pois nessa fase a criança está no início da estruturação da sua personalidade humana, por isso, é importante que a escola trabalhe de forma a não continuar afirmando a teoria da inferioridade dos negros, mantendo o preconceito racial, pois se a criança for

ensinada, em especial dentro da escola, continuará a desenvolvê-las por todo seu processo de desenvolvimento.

Experiências comprovam a alta sensibilidade das crianças ao contexto das influências sociais em que vivem. As primeiras vivências são profundamente marcantes no processo de formação da identidade social, delas resultando a identificação com os próprios grupos raciais ou étnicas da criança.

Por fim constatou-se nos depoimentos dados por professores, que a questão não era considerada relevante, por isso não se buscava capacitação ou mesmo se tinha disposição para o debate.

Essa falta de preparo para lidar com as situações leva a não perceber quando se trata de uma atitude racista e preconceituosa ou ainda fazer a opção pelo silêncio promovendo condições para que o ambiente escolar seja um espaço impregnado de pensamentos racistas que se fundamentam na cristalização das imagens negativas, presentes no imaginário social, cuja criança negra é a mais atingida.

Reconhecer que ao tornar o aluno negro invisível é negar a existência da diversidade racial e cultural no interior da escola, como foi o resultado apresentado na experiência com professores, possibilita a identificação de uma das formas de promover a manutenção do racismo, do preconceito e da discriminação. Isso já é um avanço.

Descobrir nas próprias falas a presença de atitude preconceituosa causou um grande impacto, levando a percepção de como está naturalizado o racismo em nossa cultura e como cada pessoa é um instrumentos em potencial de transmissão e manutenção desse pensamento.

Nesse sentido, a compreensão das teorias que, historicamente, construíram as ideias das desigualdades raciais, possibilita ao educador compreender não só os porquês de o racismo estar presente na cultura brasileira, mas também compreender a si mesmo, o outro e o mundo em que vive para nele intervir.

E possível desconstruir a ideologia racista, é possível desnaturalizar o preconceito racial. Para um trabalho assim, é preciso que os educadores voltem olhares mais atento para as minúcias das relações étnico-raciais, buscando perceber nas falas naturalizadas, nas atitudes normalizadas, as possibilidades de serem instrumentos de

reprodução do racismo. Não é mais possível ignorar a existência da diversidade racial e cultural no interior da escola.

Um dos caminhos apontados para a promoção do respeito à diversidade étnico-racial da qual é formada a cultura brasileira, é o reconhecimento e a valorização das culturas africanas nesse processo de formação.

Para os educadores este é um dos grandes desafios do processo educacional da atualidade. Produzir e divulgar conhecimentos sobre as culturas africana e afro-brasileira, proporcionando condições de aprendizagem de atitudes, posturas e valores que preparem o cidadão para uma vida de fraternidade e partilha entre todos, sem barreiras estabelecidas por diferenças culturais.

Nesse sentido o desenvolvimento de estratégias educativas e pedagógicas com objetivo de compreender a dinâmica das relações multiétnicas representa um recurso para o avanço no combate ao racismo.

Sendo assim pode-se dizer que os resultados alcançados com a intervenção pedagógica foram positivos e satisfatórios, visto que o trabalho foi finalizado com grande mobilização e envolvimento de todos os seguimentos da escola, em uma semana de desenvolvimento de ações inter e multidisciplinares, denominado de “Projeto África – Brasil”, cujo teor foi apresentação, debate e produção de conhecimentos sobre cultura africana e afro-brasileira, desmistificando a idéia da África pobre e selvagem, de povo feio e ignorante. Essa estratégia com certeza contribuiu para conhecimento de aspectos do continente africano que até então eram totalmente desconhecidos como, por exemplo: riquezas naturais, organização social e política, valores morais, processos educacionais, etc. e ainda a afirmação positiva da presença dessa cultura na formação da cultura brasileira.

Se o homem e a história construíram as desigualdades raciais, esse momento é o da desconstrução, da desnaturalização. Isso significa fazer a reversão da história, fazer a desmistificação da ideia de inferioridade cultural, de abnegação e de predestinação para as condições subalternas e de desigualdade social que tem servido para manter as populações negras nos guetos.

Para tanto, é dever de todas as instituições sociais reverem seus processos educacionais, desenvolvendo-o de forma a educar um cidadão livre, conhecedor e

orgulhoso de suas raízes, capaz de corrigir valores, atitudes, posturas, ideias e discurso, para que não haja mais impedimentos para o desenvolvimento de relações étnico-raciais positivas. Cabe a cada um usar a criatividade descobrir caminhos apropriados e adequados para cada realidade.

E assim, escola e sociedade, não mais negarão o direito das crianças, dos jovens e dos adultos, brancos e negros, de serem formados como seres humanos que respeitam as diferenças, habilitados e capazes de construir uma sociedade justa e igualitária, onde os cidadãos afro-brasileiros poderão assumir com orgulho a sua identidade racial.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

CARMO, Josué G. B. **As dimensões do Preconceito Racial**, Educação e Literatura, Artigo Científico, 2006. Disponível em [<http://páginas.terra.com.br/educação/josué/Index%20150.htm>]. Acesso em: 29 de novembro de 2009

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CAVALLEIRO Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, São Paulo: Contexto, 2000. CHAGAS, Conceição Corrêa. **Negro uma identidade em construção – dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007. _____ **Formação docente para a educação infantil**: política e metodologia para a promoção da igualdade racial. Boletim Ebulição, Junho / 2008.

GOMES, J.V. **Família, escola, Trabalho**: Construindo desigualdades e identidades subalternas. São Paulo. FEUSP, 1996 (tese de livre-docência).

GOUVÊA, Maria C. S. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica** (artigo científico) - Universidade Federal de Minas Gerais - Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.

KLEIMAM, A. B. (org) – **Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LIMA, Ivan Costa. **As Propostas pedagógicas do Movimento Negro no Brasil _____**. **Pedagogia Interétnica uma ação de Combate ao Racismo** (tese de mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina Núcleo de Estudos Negro, 2001.

MUNANGA, Kabengele (org.) – **Superando o Racismo na Escola**, 2ª ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org) – **SANKOFA, Resgate da Cultura Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Seafro, 1994.

NOGUEIRA, J.C. **Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial e Popular** – Série Pensando o Negro em Educação. Editora Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis, 2002.

_____**Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

Revista Nova Escola – Março 1999 – Reportagem Especial: **O Silêncio Vai Acabar**.

TELLES Edward. **Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica**, Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.

VALENTE, Ana Lucia E. F. - **Ser negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.